

GÊNEROS: COMO ENSINAR?

Eliana DIAS

Universidade Federal de Uberlândia

elianadias@uber.com.br

Resumo: O presente artigo foca a questão do ensino dos gêneros discursivos na escola. Na última década, a grande mudança ocorrida nas aulas de Língua Portuguesa (LP), na escola, foi a chegada dos gêneros discursivos. Porém, o que está ocorrendo na atualidade é uma pequena confusão no modo de ensinar e trabalhar com esses gêneros. Muitos docentes da escola fundamental ainda adotam uma postura tradicional e equivocada. Diante disso e da dificuldade dos professores no trabalho com os gêneros, foi realizada uma pesquisa para verificar se a afirmativa é verdadeira e o que, de fato, ocorre na escola. A presente comunicação tem por objetivo apresentar uma pesquisa sobre a metodologia adotada por professores de LP para o ensino dos gêneros discursivos em uma escola pública da cidade de Uberlândia. A pesquisa retrata parte do trabalho desses professores no que diz respeito à utilização dos gêneros que estão a serviço da aprendizagem da LP. Em relação à metodologia adotada para a pesquisa, foi elencada e estudada uma vasta bibliografia sobre gêneros e ensino de LP. Na sequência, foram assistidas 40 aulas de 6º ao 9ºs anos (de leitura e produção de diferentes gêneros) com o intuito de perceber a metodologia utilizada pelo professor no ensino desses gêneros. Percebeu-se que, em sua maioria, os professores observados continuam apresentando aos alunos as características formais de cada gênero, sem fugir ao uso de práticas tradicionais predominantes no ensino de Língua Portuguesa durante a maior parte do século passado. Como contributo ao ensino dos gêneros discursivos, optou-se por elaborar um artigo com as respostas de parte da pesquisa que ainda se encontra em andamento.

Palavras-chave: gêneros discursivos; metodologia, prática de leitura e escrita

Abstract

This article addresses the issue of teaching of genres in school. In the last decade, the big change occurred in the Portuguese Language classes (PL) in the school, was the arrival of genres. But what is happening today is a little confusion on how to teach and work with these genres. Many elementary school teachers still adopt a traditional posture and misguided. Given this and the difficulty of teachers in working with gender, we conducted a survey to see if the statement is true and what actually happens in school. This Communication aims at presenting a survey on the methodology used by teachers of PL for the teaching of genres in a public school in the city of Uberlândia. The survey depicts part of the work of these teachers regarding the use of genres that are at the service of learning the PL. Regarding the methodology adopted for the study were researched and studied a huge literature on gender and education of PL. As a result, were watched 40 classes, from 6th to 9th grades. (reading and production of different genres) in order to understand the methodology used by the teacher in teaching these

genres. It was noticed that, in most cases, that the teachers who were observed, continue presenting to the students, the formal characteristics of each genre, without abandoning the use of traditional practices prevalent in the teaching of Portuguese language for most of the last century. As a contribution to the teaching of genres, we chose to develop an article with answers of part of studies that don't find.

Key words: discursive genres; methodology, practice reading and writing.

Introdução

Desde a década de 80, o ensino de língua portuguesa tem sido o centro de discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no país (PCN, 1998). Considera-se que essa necessidade de melhoria se estende ao ensino da Língua Portuguesa, doravante LP.

O advento de documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares Nacionais, contribuiu para uma visão transformadora do ensino de língua materna no Brasil, tanto nas concepções teóricas quanto no ideal de uma prática pedagógica produtiva e eficiente.

Os PCNs sugerem o gênero como objeto de estudo de língua portuguesa. Isso reside no fato de que o trabalho de produção escrita centrado nos gêneros desmitifica o ato de escrever e democratiza-o. A partir desses documentos, os gêneros têm tido espaço garantido nas salas de aula. A leitura e a produção de diversos gêneros são solicitadas pelos professores, mas, muitas vezes, sem um trabalho prévio que leve os alunos a compreenderem a função, a utilização e o processo de produção deles, o que, certamente, compromete os resultados esperados pelos professores.

Segundo Lopes-Rossi (2005, p.82):

A leitura de gêneros discursivos na escola não pressupõe sempre a produção escrita. Esta, no entanto, pressupõe sempre atividades de leitura para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão.

Espera-se que a escola, que tem como objetivo ensinar a norma padrão, não se esqueça de confrontar textos, falados ou escritos, para contribuir com uma verdadeira reflexão sobre o funcionamento da língua. É necessário, também que a escola compreenda o desenvolvimento global dos alunos em relação às suas capacidades linguístico-discursivas no processo da escrita. Cabe, então, ao professor selecionar os

campos e as esferas de interesse da comunicação discursiva do estudante, a fim de trabalhar com textos dessas esferas sociais, transpondo-os didaticamente como objetos de estudos para o universo escolar.

Nesta perspectiva, o estudante dará início à familiarização e à produção de diversos gêneros como carta do leitor, editorial, artigo de opinião, resenhas críticas, charges, entre outros. Por meio deles, o aluno aprende que pode, como cidadão, manifestar seus pontos de vista, opinar e interferir nos acontecimentos do mundo social. Ademais, esse estudante pode, no campo criativo e emotivo da linguagem, criar com as palavras e com os gêneros - objetos de arte para fruição estética e reflexão crítica - como poemas, crônicas, contos e narrativas de ficção em geral.

Por fim, o que se propõe neste estudo é uma reflexão sobre a metodologia adotada por professores de LP para o ensino dos gêneros discursivos em uma escola pública da cidade de Uberlândia. A pesquisa retrata parte do trabalho desses professores no que diz respeito à utilização dos gêneros que estão à serviço da aprendizagem da LP.

Para tal reflexão, foram assistidas (observadas 40 aulas de 6º ao 9ºs anos (de leitura e produção de diferentes gêneros). Para as anotações, foi utilizado o Diário de bordo, além de serem consideradas também as respostas dos alunos e de professores tidas por meio de um questionário.

Para a escolha dos gêneros, optou-se, de preferência por aqueles de maior circulação social - aqueles que ocorrem em situações cotidianas e os que ocorrem em contextos comunicativos mais complexos: os gêneros textuais da esfera da mídia. Essa escolha se deu em razão de, se pensarmos em como a vida do homem contemporâneo é cercada pelos meios de comunicação de massa e suas mensagens e de como é de extrema importância o letramento midiático, deve-se sempre dar um lugar especial (gêneros jornalísticos, publicitários etc), mas sem esquecer daqueles gêneros da esfera da criação artística que são veiculados nas rádios, nos canais de televisão, nos jornais, nas revistas, na Internet.

A partir daí, a intenção é formular, em pesquisa posterior, um plano didático para o ensino de línguas, sempre em busca de uma maior produtividade nas aulas de Língua Portuguesa.

Este artigo, portanto, está dividido em 5 seções. Na primeira, é feita uma breve abordagem sobre os PCN; são feitas também considerações gerais sobre os gêneros discursivos e sobre como ensinar os gêneros na escola. Enfim, na conclusão, optou-se

por resumir as constatações da pesquisa. O objetivo é o de alertar os professores em relação ao ensino da LP por meio dos gêneros discursivos.

1. Breves considerações sobre os PCNs

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram elaborados com o objetivo de apresentar propostas e direcionamentos para o ensino no Brasil, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Aborda que o ensino de Língua Portuguesa deve se pautar na participação crítica do aluno diante da língua, atentando-se para a leitura e escrita dos gêneros discursivos. Essa atenção não se deve apenas à parte escrita e visual da língua, mas também à produção oral e a prática da escuta.

Acredita-se que um professor de Língua Portuguesa de ensino fundamental, com conhecimentos sobre os PCN, tem mais condições de promover um ensino que prevê a formação de um aluno crítico e com competência comunicativa tanto na esfera da escrita quanto na oral. Os PCN indicam como fatores importantes e fundamentais: a prática de escuta de textos orais; a leitura de textos escritos; a prática de produção de textos orais e escritos e a prática de análise linguística em que se sustentaria o ensino de língua portuguesa.

Já os do Ensino Médio devem ter uma preocupação sobre os três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando assim, à integração de homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva.

Esses documentos oficiais deveriam ser norteadores do trabalho do professor em seu fazer diário na sala de aula. Ao se ressaltar a relevância de se levar em consideração os documentos oficiais mencionados, não se deseja colocar um peso a mais sobre o professor. O trabalho docente abrange inúmeros saberes, teóricos e não-teóricos, e conhecer o que dizem esses documentos faz parte do ser docente, de seu saber-ser e saber-fazer.

Outro aspecto muito importante nos PCN é a importância das produções textuais dos alunos. O professor, como orientador e executor dos conteúdos aplicados em sala de aula, que também leva em conta o texto produzido pelo aluno, por exemplo, pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam orientar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua. Deste modo, não se pode permanecer no

ensino que só privilegia as chamadas “redações”, quando as mesmas são geralmente textos sem objetivos e produzidos somente como instrumento de avaliação. Neste caso, é preciso que estas produções sejam material de apoio para os professores, uma vez que poderiam ser analisadas e usadas em sala de aula para demonstrar aos alunos o que eles têm acertado, e o que podem melhorar. Isso possibilitaria uma maior reflexão por parte dos alunos sobre a língua e a linguagem, em que se também poderia ser trazidos outros textos orais e escritos, dos mais diferentes gêneros, para que os alunos reflitam sobre o funcionamento da LP.

O que se pode concluir é que os PCN são uma ferramenta importante para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que trazem as diversas possibilidades de aplicação dos gêneros textuais e orais para o ensino/aprendizagem. Mesmo com todas as dificuldades inerentes ao ambiente de ensino, há que se levar em conta que é preciso formar alunos críticos e minimamente “fluentes” nas esferas oral e escrita da língua materna.

2. Gêneros Discursivos

Para esse trabalho, partiu-se do pressuposto de que a tipologia clássica não dá conta mais das inúmeras práticas sócio-discursivas de nossa sociedade. À luz do conceito bakhtiniano de gêneros discursivos, pesquisadores europeus do chamado “Grupo de Genebra” propuseram a utilização dos gêneros como instrumento, como ponto de partida para o ensino, dentre eles: Dolz e Schneuwly (1996) e Pasquier, Dolz e Bronckard (1993). Eles se posicionaram contrários à utilização da tipologia clássica (narração, descrição e dissertação) para o desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura, considerando-a inadequada para uma ação pedagógica voltada ao desenvolvimento de competências comunicativas amplas, uma vez que não contempla o escopo social dos textos, baseia-se apenas na sua organização textual.

Segundo Bunzen (2010),

De forma geral, podemos dizer que “ensinar gêneros”, nos últimos anos, virou a chave mágica para resolver grande parte dos problemas do ensino de língua materna; principalmente por ser um conceito que possibilita uma concepção de língua mais ampla e integra os principais eixos do ensino: leitura, produção e análise linguística. Todavia, parece-nos que ainda estamos procurando entender o que

significa realmente “ensinar gêneros”, e se é possível (FREEDMAN e MEDWAY, 1994 a), pois apesar de várias propostas de caráter aplicado ainda temos várias pedras no meio do caminho.

Entende-se que é preciso agir e o agir, segundo Bronckart (2003, p. 45), é composto por atividades coletivas “que organizam as interações dos indivíduos com o meio ambiente.” O agir no ensino da linguagem é da linguagem em uso, por meio dos textos escritos e orais.

O uso da língua é um tipo de ação social, moldado pelas estruturas sociais e práticas habituais de maior ou menor estabilidade e persistência. Na ação social, o produtor de texto molda a linguagem em texto como gênero.

Diante disso, parte-se do princípio de que ensinar os gêneros na escola é tornar o aluno participante do processo de interlocução e protagonista na recepção e produção de textos, adequados a cada situação social. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero, que é, na verdade, um texto que se encontra na vida diária de cidadãos diversos e que apresentam padrão sociocomunicativos, tais como: telefonema, sermão, carta comercial, bilhete, reportagem, notícia, horóscopo, piada etc.

Enfim, o trabalho com gêneros é interessante na medida em que eles são instrumentos de adaptação e participação na vida social e comunicativa e essa reflexão tem que ser feita pela escola.

2.1. Como ensinar os gêneros?

Na literatura, são apresentadas muitas sugestões de como trabalhar /ensinar gêneros textuais na sala de aula. Mas, será que estão surtindo o efeito desejado?

Maingueneau (2001) explica que um gênero do discurso submete-se a certas condições de êxito, como: ter uma finalidade; ter enunciadores em parceria; ter lugar e momentos legítimos; ter uma organização textual, às vezes mais rígida; características mais básicas, mas sempre dentro de uma organização.

Já Geraldi (2003, p. 160) explica que para assumir-se como locutor efetivo na escola implica que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;

- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz para quem diz (o que implica responsabilizar-se, no processo, por suas falas).

Entende-se, então, que explorar apenas as características de cada gênero (carta tem cabeçalho, data, saudação inicial, despedida etc.) não faz com que ninguém aprenda a, efetivamente, escrever uma carta. Falta discutir por que e para quem escrever a mensagem. Afinal, quem vai se dar ao trabalho de escrever para guardá-la?

Essa é a diferença entre tratar os gêneros como conteúdos em si e ensiná-los no interior das práticas de leitura e escrita.

Importante ressaltar que as ideias/sugestões de como ensinar os gêneros na escola, está em momento de testagem, portanto, em andamento, e será material para publicação em Anais do IV Simpósio Internacional de Ensino de LP (IV SIELP).

3. Conclusão

Sobre as observações de aulas

No desenvolvimento da pesquisa, constatou-se que, em relação às atividades propostas em sala de aula em torno do ensino dos gêneros:

- i Há falta de autenticidade nos textos produzidos em sala de aula. (pode-se citar a tão atual chamada ficcionalização)
- ii O aluno fica descaracterizado como sujeito, visto que apenas reproduz o que o professor solicita ou transmite em sala de aula, tornando-se desmotivado no momento de elaborar suas produções textuais.
- iii As produções de textos não são veiculadas para fora da sala de aula (falta de um leitor real).
- iv O professor apenas executa o papel de corretor dos textos.

Finalmente, pode-se dizer que, em sua maioria, os professores observados continuam apresentando aos alunos as características formais de cada gênero, sem fugir ao uso de práticas tradicionais predominantes no ensino de Língua Portuguesa.

Como contributo ao ensino dos gêneros discursivos, optou-se por apresentar aqui parte já concluída da pesquisa como um alerta aos professores.

Referências

BAKHTIN, Michael. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, área de linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/ SEF. 1998.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo*. EDUC- São Paulo: PUC, 2003.

BUNZEN, Clécio. *O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna*. Disponível em: http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/public_clecio/o_ensino_de_generos.html Acesso em 24 jun. 2012.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. “Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)”. In: Schneuwly, Bernard & Dolz, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. LOPES-ROSSI, Maria Ap. G. (org). *Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos*. Taubaté- SP: Cabral, 2002.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001-2004.

DOLZ, J., PASQUIER, A., BRONCKART, J. P. L’acquisition des discours: émergence d’une compétence ou apprentissage de capacités langagières? Études de Linguistique Appliquée, nº 92, 1993. p. 23-37.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.